

UM *DRINK* DE TRADIÇÃO E NOVIDADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE *RILKE SHAKE*, DE ANGÉLICA FREITAS¹

JOÃO PAULO VIEIRA ESCUTE*

DIANA JUNKES BUENO MARTHA**

RESUMO

Angélica Freitas é uma das poetisas mais produtivas de sua geração e tem se afirmado como uma das vozes mais interessantes da poesia brasileira contemporânea. Na esteira de uma tradição da modernidade, em que a invenção e o cânone se amalgamam, os poemas de Angélica destacam-se pela dicção coloquial, marcando o ingresso do cotidiano nos textos. Este artigo discute aspectos da obra da poeta gaúcha, mais especificamente alguns poemas do livro *Rilke Shake* em que é patente o diálogo com o cânone, estabelecido a partir de um tratamento que oscila entre o riso e a ironia.

PALAVRAS-CHAVE: poesia brasileira, tradição, contemporaneidade, Angélica Freitas, *Rilke Shake*.

INTRODUÇÃO

Pretendemos, neste artigo, tecer algumas considerações sobre a obra *Rilke Shake*, de Angélica Freitas, sublinhando em especial o diálogo que a poeta estabelece com o cânone. Como se sabe, o diálogo entre tradição e novidade (insistimos nesse diálogo apoiados nos teóricos mencionados ao longo do texto) é aspecto importante na produção literária da contemporaneidade; as distâncias de tempo entre uma obra (ou época) e outra parecem desaparecer diante da referenciação e intertextualidade que podemos perceber nos textos, sejam estes em prosa ou em verso.

* Fapesp – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil.

E-mail: jotape.lettere@gmail.com

** Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil.

E-mail: dijunkes@gmail.com

Aquilo que é clássico nunca deixa de influenciar o que vem depois, uma vez que, segundo Calvino (1991, p. 11), uma obra clássica é aquela que não terminou de dizer aquilo que tinha para ser dito: sua voz continua ecoando pelas páginas que vão sendo escritas por outras mãos. Nas palavras de Calvino, o clássico não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos, ou acreditávamos já saber, mas não tínhamos conhecimento de que ele o dissera primeiro, ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular (CALVINO, 1991, p. 12).

Cada autor vai eleger, a partir de seu repertório de leitura, os livros que serão os seus clássicos. Desse modo, em cada obra ou texto escrito estarão presentes características condicionadas pelo que foi lido pelo autor, de modo que, se não tivesse se valido de tais fontes, as suas idiosincrasias não existiriam. A partir disso, nos moldes propostos por Borges (1980), cada escritor criará seus precursores a partir dos clássicos que eleger para sua leitura.

A ideia de um *paideuma*² faz parte da produção de qualquer escritor, seja ele contemporâneo ou não. Apesar dessa nova visada ao clássico que a sua incorporação como *paideuma* traz, o processo pelo qual o diálogo se instaura na contemporaneidade nem sempre é tranquilo, pois muitas vezes o que o escritor contemporâneo faz é um “*milk shake*” com a tradição, seja pela ironia, paródia ou reinvenção. Esse parece ser o caso de Angélica Freitas.

O poeta Haroldo de Campos (1969, p. 205) estabelece que a leitura da tradição dá-se a partir do que ele chama de poética sincrônica. Essa visão do fazer poético possui um caráter mais crítico e retificador em relação ao movimento diacrônico (aquele que parte do critério histórico, cronológico) do fenômeno literário. Esse movimento sincrônico leva em consideração não apenas a produção de um período, mas também o aspecto estético e criativo e, além disso, aquela parte da tradição literária que, para o período em questão, permaneceu viva ou foi revivida.

Pretende-se, aqui, avaliar a leitura da tradição feita por Angélica Freitas, poeta gaúcha, de Pelotas, formada em jornalismo pela UFRGS, que viveu temporariamente em vários países, como Holanda, Bolívia e Argentina, nesta última teve poemas publicados pela primeira vez numa coletânea organizada pelo poeta e crítico argentino Cristian De Nápoli.³

De sua obra, selecionamos do livro *Rilke Shake*, publicado em 2006, alguns poemas que nos demonstram as preferências e recortes feitos pela autora, que soube engendrar elementos com inteligência, numa composição que envolve tradição e contemporaneidade sob uma perspectiva leve e bem-humorada.

ANGÉLICA FREITAS E SEU *RILKE SHAKE*

A obra de Angélica Freitas deve ser compreendida como uma obra que se insere no escopo da contemporaneidade, isso equivale dizer que, para compreendê-la, será necessário estabelecer que a poesia contemporânea é aquela que, de acordo com Francheti (1993), reivindica o seu lugar como poesia, pois, conquistando esse direito de pertencimento e inclusão, também se alcança o reconhecimento de sua qualidade. Nas palavras de Franchetti (1993, s.p.), “o que se diz ou o que se comunica ou ainda o que se faz num poema aparece frequentemente como algo secundário em relação à conquista do direito ao nome”. Contudo, essa redução, neste momento, torna-se um componente da própria definição de poesia contemporânea, sendo, portanto, não um defeito, mas, sim, um objetivo.

Siscar (2010), por sua vez, sustenta que a poesia contemporânea brasileira demonstra a ausência de algumas forças mestras, assumindo o aspecto de retratação ou de refluxo com relação às décadas que a precederam, o que, de acordo com o autor, não resulta, necessariamente, em um empobrecimento dela. Ainda nessas postulações, a poesia contemporânea é vista como algo marcado por um embaraço – ou *crise* –, em que situações políticas e culturais mostram-se como horizonte da poesia e da literatura, de maneira geral. Siscar ainda trata do modo como alguns poetas negam o vínculo com a tradição em busca do novo, avaliando como bem colocada a necessidade de a poesia contemporânea ter o seu lugar, além de tratar sua vitalidade incomum como algo digno de atenção na perspectiva daquilo que pode surgir (SISCAR, 2010, p. 167). A poesia de Freitas, apesar de leve e bem-humorada, não deixa de ecoar tal crise na medida em que os procedimentos irônicos, ao se presentificarem, manifestam o desconforto do sujeito lírico em relação ao passado, vide o nome do livro e o poema sobre Pound analisado a seguir. O objetivo aqui não é tratar da crise, isso pode ser objeto de

outro artigo, a nosso ver a indicação da referência é suficiente, porém poderia acrescentar o trecho em vermelho acima.

A produção da autora, seja como crítica ou poeta, vem sendo divulgada, principalmente, por meio de dois *blogs*: *Modo de Usar & Co.* e *Tome uma xícara de chá*.⁴ Surgido em 2008, o primeiro é uma espécie de revista de poesia, que traz informações sobre a produção de outros autores, visando colaborar no debate acerca da poesia. É interessante ressaltar que o *blog* traz postagens sobre autores de diversos países, permitindo que se ampliem o conhecimento sobre o fazer poético e as dimensões do gênero. Ao lado de Marília Garcia e Ricardo Domeneck, Angélica colabora com o *blog*, suporte que permite o contato do leitor não só com a produção da crítica contemporânea, mas também com formas de fazer poético de outras culturas, como a chinesa clássica, por exemplo.

O segundo é o *blog* pessoal da autora. Nele, é possível ter um contato maior com o estilo de Angélica por meio dos poemas publicados ali: a poética irônica (sobre a qual se discorrerá mais adiante); influências da cultura contemporânea, a preocupação com assuntos políticos e a recorrência a diversos tipos de referências, como a música popular, por exemplo.

De um modo geral, o espaço do *blog* de poetas como Angélica ainda serve para a divulgação de eventos de literatura, tornando-se, assim, um tipo de suporte amplamente usado por escritores contemporâneos, em que não se trata apenas de poesia, mas em que é possível perceber uma preocupação com o fazer literário de nossos dias de um modo geral.

Rilke Shake foi a primeira coletânea de poemas de Angélica a ser publicada, integrando a coleção de poesia contemporânea *As de Colete*, dirigida pelo carioca Carlito Azevedo para a editora 7 Letras do Rio de Janeiro, que traz ainda publicações de Garcia e Domeneck, os parceiros de Angélica no primeiro *blog* mencionado acima. Na coletânea estão presentes poemas publicados no *blog* pessoal da autora e que foram traduzidos e publicados em países como Espanha, México e Estados Unidos. Pode-se perceber que neles Angélica não apenas se desloca do tempo presente para criticá-lo, mas também provoca o riso em torno da situação ali tratada.

O peculiar na obra de Angélica, com destaque para poemas como “Não consigo ler ‘os cantos’”, “na banheira com Gertrude Stein”, “Rilke Shake” é a instauração de um diálogo com a tradição por meio do riso e da ironia. Segundo as postulações de Propp (1976, p. 16), o cômico repousa nas fraquezas e nas misérias humanas e o riso é provocado pela revelação repentina de algum defeito oculto, ou seja, a comicidade se manifesta na exposição de algum aspecto frágil que, até então, permanecia oculto. Essa reflexão é útil para a leitura dos poemas de Angélica, como, por exemplo, “entro na livraria do bobo”, em que é apresentada uma leitora sem muitas condições financeiras que, sendo solicitada por livros presos às prateleiras de uma livraria, não consegue libertá-los de sua prisão por não ter dinheiro para comprá-los, tampouco coragem para roubá-los. O eu-poético foge da cena do “quase crime” e os livros o insultam por causa de sua falta de coragem, sua fraqueza, criando um desfecho cômico para o poema:

entro na livraria do bobo.
não tenho dinheiro
e tampouco tenho talento para o crime.

desfilam ante meus olhos
títulos maravilhosos
moribundos de tanto estar
nas prateleiras.

roube-nos, dizem eles.
não aguentamos mais ficar aqui
na livraria do bobo.

quem acreditaria
nesta versão dos fatos?
ajudem-me, maragatos
nesta hora afanérrima
de uma libertadora paupérrima
de livros.

retumba meu coração. retumba
mais que a bateria do salgueiro.
treme o corpo por inteiro
e as mãos já suam em bicas.

ganho a rua, as mãos vazias
e os livros gritam: maricas.
(FREITAS, 2006, p. 8)

Em um de seus escritos, Baudelaire, apoiando-se nas postulações de Hoffmann, discorre sobre a essência nobre do cômico absoluto, resultado da alegria, que “ignora-se a si mesmo” (HOFFMANN apud BAUDELAIRE, 1991, p. 49), opondo-o ao cômico ordinário, representado pela comédia de costumes, que dá origem do riso fácil. Na obra de Angélica, parece ser este segundo tipo de riso que encontramos. É nítido o desconforto causado pela comicidade presente nos versos justamente pela exposição, por meio do riso, de fraquezas e misérias, seja do eu-poético ou de outrem. Não se pode negar, porém, que essa situação não tem o peso e a negatividade apontados por Baudelaire, pelo contrário, mostra-nos uma afinidade com a leveza tal qual enunciada por Calvino nas *Lições americanas* e é esse aspecto que nos faz levantar a possibilidade de que a leitura da obra de Freitas à luz do autor italiano pode ser produtiva, como destacaremos a seguir.

Descolando-se de seu tempo, ou seja, a contemporaneidade, a autora expõe-no, criticando-o sob um ponto de vista diferente dos que continuam presos a ele e, justamente por isso, consegue percebê-lo e entendê-lo melhor. A respeito dessa crítica ao tempo em que se vive, Giorgio Agamben nos postula que:

Pertence verdadeiramente ao seu tempo [...], aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas exatamente por isso [...], ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo.
(AGAMBEN, 2006, p. 59)

Segundo essa perspectiva, um poeta contemporâneo não é aquele que se funde com aquilo que está acontecendo na época em que vive ou compactua com isso: pelo contrário, o poeta da contemporaneidade é aquele que enxerga, sim, a realidade em que vive, mas vai de encontro a esta, afastando-se da lógica do tempo presente, denunciando suas mazelas, lançando mão de seu estilo pessoal, abordando isso de modo a causar um estranhamento em quem entra em contato com a sua produção. Percebemos esse traço em vários poemas de *Rilke Shake*, como, por

exemplo, o já mencionado “entro na livraria do bobo” (FREITAS, 2006, p. 8), em que se evidencia o choque entre valores sociais, colocando o ato de roubar como única forma de salvação para livros esquecidos em uma prateleira.

No que diz respeito à leitura da tradição, em especial, de poetas como Rilke, Pound, os imagistas ingleses e Baudelaire, Angélica estabelece um diálogo de modo a proporcionar ao leitor uma leitura diferente daquilo que já lhe é conhecido ou não. Leitora de Pound, uma das maiores figuras da poesia do século XX, a autora apresenta em sua obra várias influências do poeta norte-americano, mas ao mesmo tempo, e talvez pela familiaridade com a obra poundiana, valendo-se da comicidade e ironia como características de seu trabalho, aborda, em um dos poemas de *Rilke Shake*, a importância e a dificuldade na leitura do referido poeta:

não consigo ler *os cantos*
vamos nos livrar de ezra pound?
vamos imaginar ezra pound
insano numa jaula em pisa enquanto
les américains comiam salsichas
e peanut butter nas barracas
dear ezra, who knows what cadence is?
vamos nos livrar de mariane moore?
(FREITAS, 2006, p. 38)

O título do poema faz menção à obra mais importante de Pound, *Os Cantos*. Trata-se de poema épico composto por 120 partes e que, mesmo tendo o autor se empenhado durante quase toda sua vida em sua composição, teria ficado incompleto. O eu-poético freitiano logo anuncia sua dificuldade na leitura de Pound, uma vez que sua obra é considerada bastante complexa por apresentar uma sintaxe e composição fragmentadas, além de valer-se de outras línguas e até mesmo ideogramas chineses em alguns trechos.

Ao longo dos versos de Freitas, são perceptíveis as referências feitas aos fatos da vida de Pound, como sua prisão em Pisa em maio de 1945, por causa de suas manifestações contra o governo norte-americano – e por isso considerado um traidor de sua pátria – em um programa

na rádio governamental de Roma e o estado de loucura a que o poeta acabou chegando em virtude dessa prisão (GUIMARÃES, 2012). *Les américains* citados no quarto verso são certamente os soldados que prenderam o poeta e talvez o termo tenha sido colocado em francês, assim como a inserção do penúltimo verso em inglês, como referência aos *Cantos*, uma vez que uma das já mencionadas características da obra é a utilização de trechos em outras línguas.

O aspecto da cultura norte-americana é explicitado no poema pela menção das salsichas e da *peanut butter* (manteiga de amendoim), típicos do dia a dia da culinária dos Estados Unidos e que servem de refeição para os soldados. Pode-se dizer que esse é um dos traços tragicamente irônicos do poema: enquanto Pound padece em uma pequena cela por ter se mostrado contra a política de seu país, seus algozes se fartam com iguarias típicas do mesmo lugar. O eu-lírico ainda dialoga com o próprio Pound, ao questionar-lhe no penúltimo verso sobre cadência, fazendo uma alusão às teorias imagísticas do autor de que, para expressar novos estados de ânimo, são necessárias novas formas rítmicas e que essa nova cadência significa uma nova ideia na poesia (POUND, 1970, p. 53); é como se, neste verso, o eu-poético se apiedasse de Pound, como se as ideias que ele defende fossem entendidas apenas por ele. Fechando o poema, propõe-se a extinção de outra poeta, Marianne Moore, contemporânea de Pound, com quem manteve correspondência durante certo tempo. Entende-se esse verso como tentativa de apagar todos os vestígios que possam levar a Pound qualquer coisa que lembre sua existência e pode-se dizer, ainda, que a grande ironia estabelecida no poema é justamente o fato de ele tratar de uma produção contemporânea influenciada por aquele que foi um dos responsáveis pela transformação do fazer poético no início do século passado, e que faz parte do *paideuma* de Angélica Freitas. A aflição por não conseguir ler *Os Cantos* é tamanha, que o eu-poético precisa fugir, de todas as maneiras, de seu autor.

Ainda no tocante à leitura da tradição (referimo-nos aqui aos poetas mencionados acima), os poemas de *Rilke Shake* estão repletos de referências de outros autores. O próprio título da obra já nos sugere a ideia de mistura, pois percebemos a junção em uma rima perfeita de dois elementos de culturas opostas: Rainer Maria Rilke, importantíssimo poeta alemão do século XX, cuja obra, influenciada pelo Expressionismo (que teve como principal característica a deformação

da realidade visando à expressão subjetiva do homem, priorizando os sentimentos, o subjetivo, em relação a uma descrição objetiva), busca celebrar a união transcendental do mundo e do homem, numa espécie de “espaço cósmico interior”, ou seja, sua poesia provocava a reflexão existencialista e instigava os leitores a se defrontarem com questões próprias do desencantamento, características da época em que viveu.

Mesmo em se tratando de um nome de peso na literatura universal, Rilke permanece desconhecido para muitos leitores, fato que coloca o conhecimento dele e de sua obra como pertencente a uma cultura mais erudita, de interesse de poucos. O segundo elemento que compõe o título da obra faz referência ao popular *milk shake*, bebida de origem norte-americana conhecida por todos e que, como se sabe, seu preparo baseia-se na mistura de ingredientes que resultam num produto final homogêneo que agrada a vários paladares.

Em sua compilação, Angélica reuniu vários ingredientes, procedendo da mesma forma como quem prepara a bebida acima descrita: o erudito e a cultura de massa se misturaram, resultando em uma obra que pode atingir a diversos públicos, uma vez que o riso provocado a partir da leitura desta agradaria até mesmo quem não soubesse muita coisa sobre Rilke, Gertrude Stein ou Ezra Pound, figuras não tão populares, mas que, pelo modo com que são inseridos nos versos de Angélica, tornam-se mais próximos de quem lê.

A forma fluida com que são compostos os poemas de *Rilke Shake* permitem uma adesão ao texto inicial para que, a partir de olhares mais atentos e profundos com relação ao que foi lido, seja possível uma melhor percepção das ironias e referências instauradas ao longo das estrofes.

A PITADA IRÔNICA EM *RILKE SHAKE*

Conforme a exposição acima deixa entrever, a ironia parece ser um dos pilares da obra *Rilke Shake*. Caracterizada como um dos muitos discursos ambíguos, a ironia é um tema estudado por diversos teóricos sob várias perspectivas. Podemos entender a ironia como uma ferramenta de desconstrução de um determinado discurso.

A ironia ainda pode ser encarada como a descrição de uma realidade em termos valorativos que ela mesma trata de desvalorizar (BRAIT, 1996, p. 51), ou seja, é uma figura que lança mão de um diálogo com o contrário, em que se provoca um incômodo com relação ao que foi dito, podendo tender para o riso crítico (como é o caso de Angélica), ou não.

Um poema em que a ironia se manifesta é o já citado “entro na livraria do bobo”, que torna-se irônico justamente por causar um desconforto no leitor em decorrência das ideias incomuns que apresenta, figurando o roubo como ato louvável, único meio de salvação para os livros aprisionados. É perceptível, ainda, que o riso, se lido em associação com a ironia, ambos presentes na obra da autora, têm a função não apenas de expressar com leveza os sentimentos, críticas ou situações expostos nos versos, mas também de deslocar o leitor de sua zona de conforto, fazendo com que enxergue a realidade com outros olhos, indo contra os discursos do poder que regem as estruturas e muitas vezes impedem outro tipo de aceção dos fatos que vá contra a univocidade do sentido.

Brait (1996) postula que a ironia pode figurar em vários tipos de situações comunicativas, como em “um chiste, em uma anedota, uma página literária, um desenho caricatural, uma conversa descontraída ou uma discussão acirrada” (BRAIT, 1996, p. 14), e que não necessariamente vai aparecer apenas em espaços destinados ao discurso humorístico.

A autora adota a visão de Bakhtin (1990) a respeito da duplicidade do discurso e, respaldada inicialmente por um arcabouço teórico que vai de Aristóteles – que confere ao fenômeno irônico um aspecto filosófico – a Bergson – que, por sua vez, trata o objeto em questão como estrutura de natureza linguística –, interpreta a ironia ao longo do seu estudo como elemento que constitui o discurso como fato histórico e social que lança mão do uso de diferentes vozes, instaurando a polifonia.

Vista sob esse prisma, a ironia é encarada como um procedimento intertextual, interdiscursivo que, nas palavras de Brait (1996, p. 15) é considerada como um processo de metarreferencialização de estruturação do fragmentário, podendo provocar efeitos de sentido como “dessacralização do discurso oficial ou o desmascaramento de uma pretensa objetividade” (BRAIT, 1996, p. 15), expondo, digamos

assim, aqueles discursos que pareciam ser neutros, mas possuem carga irônica em seu conteúdo.

O supracitado nos leva a outra postulação de Brait (1996) que coloca a ironia como não necessariamente engraçada, já que esta pode estar encoberta por um discurso ou contexto mais sério, ou ainda instaurar ou transmitir preconceitos. Segundo a autora, a ironia acontece a partir do momento em que pressupostos sobre o mundo assumem algo de ambíguo em um discurso, o que pode provocar o riso. A ironia, passa, então, a desempenhar um papel provocativo, convidando a tomar ao pé da letra o que cada segmento informa separadamente, mas também a lançar um olhar sobre sequências isoladas.

Em suma, Brait (1996) sugere vários sentidos para a ironia, apresentando-a como elemento que figura na construção de um discurso sob vários aspectos, seja no que diz respeito à defesa de ideias ou ainda no mascaramento de valores sociais – preconceitos, opiniões, crenças –, além de sugerir vários significados, valendo-se de um discurso ambíguo.

Brait (1996) ainda defende que um dos requisitos da ironia para com o seu produtor é que este tenha familiaridade considerável com o objeto a ser ironizado. Lançando um olhar atento sob a obra de Freitas, podemos perceber que as situações ironizadas nos poemas são de grande conhecimento da poeta, como sua dificuldade de ler *Os Cantos*, de Pound (FREITAS, 2006, p. 38). Brait (1996) apresenta também a lógica dos contrários na tensão entre sentido literal e figurado como fundamentos do processo irônico, o que atribui grande importância à relação entre enunciador e seu objeto de ironia, e também entre o enunciador e o enunciatário, uma vez que a autora também define a ironia como estruturadora de textos que têm a função de denunciar algo por meio de uma argumentação indireta, tornando o destinatário totalmente responsável pela percepção e assimilação do que está sendo exposto por meio do processo irônico, de modo que um discurso acaba por completar o outro.

No poema em que se refere a Pound, Freitas vale-se exatamente dessa estratégia descrita por Brait: a poeta constrói um poema em versos curtos (que, como visto anteriormente, mostram-se carregados de informações sobre a vida do poeta americano e de suas teorias) e espera que o leitor (destinatário) seja capaz de compreender as ironias que se

estabelecem ao longo do poema, como nos versos 6 e 7: “dear ezra, who knows what cadence is? / vamos nos livrar de mariane moore?”.

O destinatário torna-se responsável pela compreensão do que está sendo dito, ou seja, pela compreensão do que seria “cadência” e de quem seria Mariane Moore no contexto apresentado, já que, sem esse conhecimento, não se pode apreender a ironia estabelecida no poema.

De outro ponto de vista, é possível, ainda, associar a obra de Angélica com alguns escritos de Bakhtin (1990) a respeito da “romancização” dos gêneros. O autor caracteriza o romance como um gênero inacabado, alimentado pela era moderna da história mundial, ou seja, como algo que está em constante mudança, em processo de construção contínua. Já no tocante à romancização de outros gêneros, Bakhtin a define como um processo que os torna mais livres, com uma linguagem renovada em decorrência do plurilinguismo extraliterário e dos estratos romanescos da língua literária (tradição e novidade, pode-se dizer), que acabam por dialogar entre si dentro da obra – e neste ponto o autor ressalta a presença do riso, do humor e da ironia que se fazem presentes neste processo de “autoparodização” e ainda enfatiza o contato que o romance estabelece com a época em que está se fazendo, o “tempo inacabado”, seu presente, sua contemporaneidade. Dessa forma, percebemos que o trabalho de Angélica, aqui objeto de discussão, apesar de poético, pode ter sua compreensão ampliada se se conhece o processo de “romancização” descrito por Bakhtin, em todos os seus aspectos: seja pela forma livre e linguagem renovada, pelo cômico ou no que diz respeito ao contato com o presente.

Em Bakhtin (1990, p. 400), o romance é caracterizado como um gênero inacabado, “que alimenta-se pela era moderna da história, ou seja, como algo que está em constante mudança, em processo de construção contínua, para que, em seguida, nos seja apresentado o conceito de *romancização de outros gêneros*, que consiste em um processo que os torna mais livres, penetrados pelo riso, pela ironia, pelo humor e pelos elementos de autoparodização, com uma linguagem renovada em decorrência do “plurilinguismo extraliterário e dos estratos romanescos da língua literária”.

Essa postulação se torna pertinente, uma vez que a poesia de Freitas cabe dentro das características do processo descrito por Bakhtin, tanto nos aspectos já mencionados (riso, pela ironia, pelo humor e pelos

elementos de autoparodização), quanto pelo contato que determinado gênero estabelece com a época em que está se fazendo, o “tempo inacabado”, seu presente, sua contemporaneidade.

Tomemos agora outro poema de *Rilke Shake*:

na banheira com gertrude stein

gertrude stein tem um bundão chega pra lá gertude
stein e quando ela chega pra lá faz um barulhão como
se alguém passasse um pano molhado na vidraça
enorme de um edifício público

gertrude stein daqui pra cá é você o paninho de lavar
atrás da orelha é todo seu daqui pra cá sou eu o patinho
de borracha é meu e assim ficamos satisfeitas

mas gertrude stein é cabotina acha graça em soltar pum
debaixo d’água eu hein gertrude stein? não é possível
que alguém goste tanto de fazer bolha

e aí como a banheira é dela ela puxa a rolha e me rouba
a toalha

e sai correndo pelada a bunda enorme descendo a
escada e ganhando as ruas de st.-germain-des-prés.
(FREITAS, 2006, p. 32)

Aqui, a evocação de Gertrude Stein é clara e a poeta é delineada em toda a sua personalidade contestadora, mas de modo irônico; ironia que tende mais ao riso: surgem aí não apenas o tema do homossexualismo, mas a postura subversiva de Stein, a evocação da França, especificamente de *St-Germain-des-Prés*: uma Gertrude em liberdade, risível e que ri dos outros também.

Dessa forma, o poema sobre Gertrude Stein citado acima levamos, por fim, a mais um caminho teórico que, em associação com os demais, parece fornecer mecanismos para a reflexão sobre o modo pelo qual Freitas ingressa na cena da poesia contemporânea não apenas pelos pontos de contato com os poetas de sua geração, ou pelo forte diálogo com o cânone, mas porque o faz de um lugar discursivo que, ao privilegiar o riso e a ironia, torna-se leve.

Nas *Seis propostas para o próximo milênio*, Calvino (1988) propõe meios de fazer (e ler) literatura dentro da perspectiva do

milênio que estava por vir (escrita em meados dos anos 1980, a obra foi apresentada em forma de conferências na Universidade de Harvard e, em decorrência da morte do autor, apenas cinco foram concluídas, uma vez que, da última proposta – *Consistency* – foram encontradas apenas algumas anotações). Composto por cinco capítulos, cada um apresentando uma proposta (Leveza, Rapidez, Exatidão, Visibilidade e Multiplicidade), o livro faz uso de obras de diversos autores para ilustrar suas propostas.

Nos poemas apresentados até aqui, a Leveza permanece, justamente porque seu meio de expor as mazelas na contemporaneidade adota essa postura sutil e livre de pesos que o autor italiano descreve em suas conferências. Calvino (1988) expõe a Leveza como proposta ligada a um ideal de despojamento do peso da linguagem, tanto por parte do autor quanto por parte do leitor, para que, dessa forma, seja possível, para quem lê, abraçar o que foi proposto por quem escreveu. Mas não se engane o leitor, por trás desse riso e da ironia fina, paira, em certos momentos, uma penumbra melancólica. Um exemplo para isso seria a angústia e a tristeza da solidão presentes em dois versos de um poema de Freitas, mas carregado pelo sofrimento de um eu-poético excluído e solitário.

versus eu

lá embaixo um samba que não me chama
pois não conhece o meu nome.

(FREITAS, 2006, p. 43)

Uma primeira leitura poderia sugerir que o modo com que os versos são escritos acaba por encobrir, de certa forma, a tristeza presente neles, dado o tom leve com que a situação é descrita, pois, em vez do uso de palavras tristes e pesadas para explicitar sua solidão, o eu-poético o faz de maneira sucinta, eximindo o poema do tom pesado que seu conteúdo poderia conferir às palavras.

Todavia, a ausência da nomeação é patente aqui, trata-se de um eu-poético que, como Pound, como Stein, como Rilke em alguma medida, e como os livros da livraria do bobo, é (ex)cêntrico, deslocado, busca, por meio do chiste, uma forma (leve e breve) de estar no mundo, de ser reconhecido, de ser também parte de uma história sincrônica em

acordes diacrônicos, já que é inevitável a consideração do par passado/presente em qualquer diálogo com o cânone.

PARA CONCLUIR

O percurso feito para ler aspectos da poética de Angélica Freitas demonstra-nos que a poesia pode comparar-se a uma escadaria, pela qual se deve descer um degrau de cada vez, sem pular nenhum lance, estando atento ao chão em que se pisa e desfrutando do que cada verso/estrofe/degrau tem a dizer para que se chegue a um destino final, um chão sólido. A obra de Angélica Freitas situa-se na linha da poesia cotidiana, aquela que usa de uma linguagem simples e forma livre para transmitir sua mensagem, caracterizada por um discurso leve e múltiplo, saboroso *Milk Shake* de Rilke e cia.

TRADITION AND INNOVATION DRINK: CONSIDERATIONS ON *RILKE SHAKE*, BY ANGELICA FREITAS

ABSTRACT

Angélica Freitas is one of the most productive poets of her generation and has established herself as one of the most interesting voices in contemporary Brazilian poetry. In the wake of a tradition of modernity in which the invention and canon are amalgamated, Angelica's poems stand out for their colloquial diction, marking the entry of the day-by-day in her texts. This article discusses aspects of the work of the poet, more specifically, some poems of *Rilke Shake*, book in which there is a clear dialogue with the canon established from a treatment that oscillates between laughter and irony.

KEY WORDS: tradition, contemporary, Angélica Freitas, *Rilke Shake*, brazilian poetry.

NOTAS

- 1 Este artigo é fruto de pesquisa mais ampla sobre a obra da poeta e conta com bolsa da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).
- 2 Ezra Pound propunha uma renovação da tradição, *make it new*, a partir da construção de um paideuma. Segundo escreveu em seu ABC da Literatura,

traduzido pelos irmãos Campos e Decio Pignatari, paideuma é: “a ordenação do conhecimento de modo que o próximo homem (ou geração) possa achar, o mais rapidamente possível, a parte viva dele e gastar um mínimo de tempo com itens obsoletos” (POUND, 1970, p. 161).

- 3 Disponível em: Cosac Naify, Editora. Angélica Freitas. Disponível em: <<http://editora.cosacnaify.com.br/Autor/177/Ang%C3%A9lica-Freitas.aspx>>. Acesso em: 12 mar. 2013.
- 4 Blogs disponíveis nos links: <<http://revistamododeusar.blogspot.com.br/>> e <<http://loop.blogspot.com/>>.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Santa Catarina: Argos, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1990.

BAUDELAIRE, Charles. Da essência do riso e, de um modo geral, do cômico nas Artes Plásticas. *Escritos sobre arte*. São Paulo: Imaginário/Ed. USP, 1991.

BORGES, Jorge Luis. *Prosa completa*. Buenos Aires: Bruguera, 1980.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CAMPOS, Haroldo. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

COSAC NAIFY, Editora. Angélica Freitas. Disponível em: <<http://editora.cosacnaify.com.br/Autor/177/Ang%C3%A9lica-Freitas.aspx>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

FRANCHETI, Paulo. *Alguns aspectos da teoria da poesia concreta*. Campinas: Ed. Unicamp, 1993.

FREITAS, Angélica. *Rilke Shake*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

GUIMARÃES, Newton Sabbá. *Ezra Pound: genialidade e rebeldia*. Curitiba: Juruá Editora, 2012.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Tradução de Álvaro de Campos et al. São Paulo: Cutrix, 1970.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1976.

SISCAR, Marcos. *Poesia e crise*. Campinas: Ed. Unicamp, 2010.